

Mãe
PEDRINA,
a grande
nengua
de Angola*



Chamava-se Pedrina Cardoso de Oliveira. Era natural de Salvador, cabeça de Oxun, foi iniciada no Terreiro Viva Deus, de nação de Angola, nos idos de 1930. Seu pai-de-santo, José do Mocotó, muito conhecido em toda a Bahia, tinha terreiro no Acupe, situado no Recôncavo de Salvador, transferindo-o, depois, para o bairro de Plataforma.

*As informações aqui alinhadas constituem uma valiosa contribuição de Maria Lúcia Góes Brito Santos, também conhecida por Mukaya-lasinbe, Ekédi do Ilê Axé Ijexá. Foram recolhidas e anotadas, através de entrevistas com filhos, pais e mães-de-santo descendentes de Pedrina, a pedido do Grupo Kãwé.

Na iniciação religiosa, Pedrina recebeu a djinna, isto é, seu novo nome ritualístico, de Kewamaze. Chegou ao posto de Nengua, correspondente ao de Ialorixá dos nagôs, pelas mãos de Derelobidi, famosa mãe-de-santo de Salvador, no Terreiro do Túmba Juçara. Abriu terreiro em Salvador, mas depois resolveu se fixar em Itabuna, onde fundou novo terreiro, no local onde hoje está situado o bairro do Banco Raso. Com o crescimento da cidade, Pedrina mudou-se para o bairro Fonseca, onde permaneceu até falecer.

Foi uma mãe-de-santo respeitabilíssima, pelo seu conhecimento e coragem de desbravadora e repassou seu axé para um sem número de filhos-de-santo, muitos dos quais ainda dirigem seu próprio terreiro, fundado quando atingiram a maioria conforme as leis que regem o povo-de-santo. Sempre que iniciava novos filhos, Pedrina os levava em romaria a Salvador, para tomar a bênção aos mais-velhos de lá e, com isso, terem sua legitimidade reconhecida. Tal atitude garantiu a legitimidade e o reconhecimento dos filhos de Pedrina por parte da gente dos velhos e antigos terreiros da capital do Estado.

Pedrina deixou muitos e muitos filhos de santo que, por sua vez, inauguraram novos terreiros e que já iniciaram outros filhos também, numa sucessão em cadeia digna de nota, tornando-se muito conhecidos, a exemplo de Kamungunzo, Ominayê, Luango, Lindukelê, Kelundirá, Monadeú, Oiaguerê, Ominadê, Amazemi, Kaleci, Amazekelê, Síndiamaze, Negandê.

Outros preferiram não seguir os passos de Pedrina, levando seus assentos de preccito para "zelar do santo em casa". Outros tantos saíram da Região Cacaueira e nunca mais deram notícias.

Ainda correm de boca em boca, pela Região do Cacau, as histórias sobre os feitos de Pedrina. Mãe-de-santo de saber notório, disposição e energia constantes, Pedrina sempre estava pronta a receber quem a procurava, a iniciar um novo conjunto de filhos, a cumprir com as obrigações do candomblé. Todo o povo-de-santo ainda guarda na memória o fato de Pedrina, ao longo de sua carreira, ter iniciado 16 pessoas de Oxun, das quais quatro ainda continuam na labuta com seus terreiros: Amazemi, Kaleci, Amazekelê e Síndiamaze. É necessário, no entanto, que se tenha clareza da dimensão de tal feito. É costume dos pais e mães-de-santo recolherem um grupo de alguns filhos para a iniciação, de cada vez. Quando acontece recolherem um grupo de quatro ou cinco pessoas, já se constitui fato notório. Assim mesmo, as pessoas recolhidas, de um modo geral, são de diferentes orixás. Ocorre, também, ao longo de sua existência os pais e mães-de-santo iniciarem algumas pessoas do mesmo orixá. Atingir um número tão expressivo de pessoas iniciadas e consagradas ao mesmo orixá, tal qual Pedrina conseguiu ao longo de sua existência, é como se ela tivesse por 16 vezes acertado na loteria.

Uma outra história que ficou registrada na memória do povo de candomblé na Região do Cacau diz



muito da dimensão política que Pedrina tinha de seu fazer e viver no candomblé. Conta-se que ela iniciou Rosa Ominayê, filha de Oxun, que terminou rompendo com Pedrina e integrou-se ao terreiro de uma outra mãe-de-santo, conhecida por Bela. Sabe-se, entre o povo-de-santo, que isso é motivo para uma guerra que ultrapassa gerações. Rosa deixou de ser Ominayê e adotou outro nome. E mais tarde, recebeu o deká e tornou-se mãe-de-santo também.

Ocorre, porém, que o primeiro filho-de-santo de Rosa foi Mutalambê, hoje um pai-de-santo muitíssimo conhecido na Região do Cacau e com terreiro aberto também no Rio de Janeiro. Para a iniciação de Mutalambê, no entanto, eram necessários fundamentos que só Pedrina sabia. Para servir ao orixá, Rosa dirigiu-se à Pedrina que, de coração aberto, também abriu as portas de seu terreiro para que Rosa iniciasse seu primeiro filho-de-santo. O que Pedrina construiu, assumindo essa e outras atitudes semelhantes, foi a união da gente do candomblé-de-angola na Região do Cacau, resistindo à hegemonia do candomblé de origem nagô, que por aqui se desenvolveu a partir de raízes fortemente calcadas nos velhos e tradicionais terreiros de Salvador. Graças a esse gesto de Pedrina, Mutalambê completou a sua iniciação e formou um grande número de filhos espalhados por várias cidades, muitos deles com terreiro em Itabuna, a exemplo de Fernando Oluandê, no bairro São Pedro e Xemin, no bairro de Zizo, perpetuando, assim, o axé de Pedrina.

Durante os rituais fúnebres do axexé, quando de sua morte, realizados pelo terreiro do Tumba Jussara, o cargo foi entregue a Nair Kamungunzo que tem terreiro em Feira de Santana. Kamungunzo continuou o trabalho de Pedrina, mas preferiu se fixar na região onde se situa a cidade de Feira de Santana. Também com uma prole numerosa, foi ela quem iniciou Indemburê, de nome civil Desdêmona, que também atua na advocacia, dirige uma creche que abriga menores abandonados e exerce a função de mãe-de-santo, com terreiro em Itabuna. Indemburê já iniciou muitos filhos e filhas, muitos dos quais já fundaram novos terreiros, a exemplo de Hugo Gombirê, que atua no Rio de Janeiro; Júnior de Oxun, com casa de santo em Porto Seguro e Benedito de Omolu, com terreiro em Itapê.

Foi Pedrina quem trouxe o candomblé-de-angola para a Região Cacaueira, num período difícil em que o Estado perseguiu e a Igreja Católica condenava aos infernos todos aqueles que exercessem práticas religiosas de origem africana. Graças à coragem de Pedrina em enfrentar os desafios daquela época, a Região do Cacau conservou um saber construído pelos descendentes dos que vieram de Angola para o Brasil.

